

O meu 1958

J. Roberto Whitaker Penteadó

Nunca o brasileiro foi tão feliz como em 1958.- Joaquim Ferreira dos Santos (O ano que não devia terminar)

Sei que ainda é um pouco cedo para falar de um cinquentenário que vai ocorrer em 2008, mas a notícia recente de que o governo do Rio decidiu consagrar a Bossa Nova como patrimônio cultural carioca – e o adendo de que o marco disso foi o lançamento da música Chega de Saudade (de Tom e Vinicius, cantada por Elizeth Cardoso – com acompanhamento de João Gilberto) no LP Canção do Amor Demais, de 1958 – fizeram minha saudade pessoal retornar a este ano tão importante.

Eu vivia em Petrópolis. Estudava no Colégio Carlos Werneck, que não existe mais, fazia parte da Associação Petropolitana de Estudantes e era diretor do jornal O Estudante. Éramos todos contra o governo (de JK!) A catástrofe de Brasília ainda não tinha acontecido; o Rio de 1958 era a capital federal e todos iam veraneiar em Petrópolis, inclusive o presidente JK com a família, no Palácio Rio Negro, quase em frente ao Museu Imperial.

A verdade é que, perceptivelmente, a coisa mais importante que aconteceu em 1958 foi a conquista, pelo Brasil, do campeonato mundial de futebol – pela primeira vez. Ninguém sabia que a Bossa Nova estava nascendo. Ouvíamos (e dançávamos, nos clubes e em festinhas) Lucho Gatica, Waldir Calmon e Nat King Cole. Quem cantava música brasileira sofisticada eram Lucio Alves, Dick Farney e Dolores Duran. Maisa – ainda Matarazzo – era apresentada pelo seu descobridor, José Scatena, num programa da TV Tupi. Farney (cujo nome real era Farnésio Dutra) era um excelente pianista de jazz, mas Teresa da Praia é indiscutivelmente parte da pré-Bossa Nova; que passou muito perto de mim. Eram meus colegas de turma os trigêmeos Castro Neves: Oscar (Ca), Antonio (Ico) e José Carlos (Zeca). Este foi meu querido e fraternal amigo durante muitos anos. Tínhamos a amizade comum de Olivia, filha de Cícero Leuenroth – fundador da Standard Propaganda e ex-chefe do meu pai – que tinha uma bela casa na Serra. O Zeca, na verdade, era caído por Olivia, mas ela preferiu o Francis Hime. O irmão Oscar namorava uma das moças do Quarteto em Cy, que ainda não existia. Outro irmão, Mario, tocava um bom piano e todos se encontravam em jam sessions, nas quais tomavam parte, ainda, Luvercy Fiorini e Estevão Hermann (este largou o sax e foi ser negociante de ar-condicionado).

Foi o Zeca, também, quem me apresentou aos citados Tom e Vinicius; este último fazendo ponto na famosa Porta do D'Ângelo, onde Jô Soares ensaiava suas primeiras piadas, quando não ficava de castigo no Colégio São José, em que era interno. E também Stanislaw Ponte Preta e Chico Feitosa – mas estes já foram no Rio, numa boate, em que ainda não podia entrar...

Curioso, este momento. Vamos celebrar, em 2008, o bicentenário da imprensa, no Brasil, da propaganda e de outras amenidades civilizatórias trazidas por D. João VI e seus cortesãos; os 50 anos da Copa da Suécia e da Bossa Nova. Pois proponho que inovemos - e celebremos também o cinquentenário do próprio ano de 1958 – esperando que surja outro igual, ou pelo menos parecido.

Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=90&ID=428>>. **Acesso em: 30 jul. 2009.**